

MARGEM SUL + MOVIMENTO + DEMOCRACIA BARREIRO/MOITA

Vivemos tempos de grande complexidade onde, ao aumento das desigualdades sociais, se junta uma crise climática galopante. São faces de um sistema capitalista que tem como “modus operandi” a exploração dos trabalhadores e da natureza. São necessárias alterações que garantam a transformação radical da sociedade, rumo ao Socialismo, que salvasse a justiça social e o futuro do planeta.

Uma política para as pessoas

As cidades da margem sul do Tejo, funcionando muitas vezes como dormitórios, cresceram de forma desordenada e sem grandes preocupações ambientais. Embora com ilhas de ruralidade, nas franjas dos concelhos, são constituídas essencialmente por populações de forte incidência operária a que se juntaram vagas de imigrantes principalmente vindos das ex-colónias. A este território foi sempre colado o estigma da sub-urbanidade, de zona desvalorizada da periferia de Lisboa. Com o fecho das fábricas e não havendo na região empregos que suportem o sustento das famílias, as pessoas viraram-se para a capital. Partem de madrugada e regressam à noite num vai-vem na procura da sobrevivência, despejadas pelos transportes fluviais e outros, muitos imigrantes ou descendentes destes. São vidas difíceis de trabalho precário e mal pago nas limpezas, restauração, comércio, principalmente. Às mulheres espera-se ainda um esforço de trabalho suplementar no cuidado da casa e dos filhos, antes do descanso que as faça recuperar forças para novo ciclo de trabalho.

Aos sucessivos governos pouco importa esta realidade social; vergados aos interesses económicos, empurram as populações para a miséria, sem responder à inflação e ao aumento do custo de vida, desinvestindo nos serviços públicos, na saúde e na educação. As autarquias, por sua vez, mostram-se submissas aos interesses instalados e lóbis locais não investindo na qualidade de vida dos mais frágeis.

Perante a crise social e precarização do trabalho, a maioria absoluta do PS oferece sucessivos casos de corrupção e favorecimento, na rua levantam-se protestos que é preciso ter em conta e apoiar, contra a extrema-direita que cavalga a desgraça, contra o conservadorismo, contra o machismo, denunciando os femicídios e procurando medidas de proteção das vítimas, contra o racismo e quem o vai defendendo de forma aberta.

De Lisboa vem a aposta cega no turismo que influenciou a criação de “hostels” e alojamento local nos concelhos limítrofes e amplificou a especulação imobiliária. Nos municípios ribeirinhos, onde proliferam habitações em ruínas e encerradas, vêem-se casas devolutas a serem vendidas a capitais estrangeiros, visando especular e lucrar. Como consequência desta situação, criou-se uma fragilidade imensa na população que acabou empurrada para habitações indignas. Enquanto isso, nascem condomínios de luxo mesmo ao lado, dentro do perímetro urbano.

Queremos que o estado invista na habitação, trave a especulação, reabilite e disponibilize casas a custos controlados.

Preservar o ambiente, melhorar a qualidade das águas, proteger as zonas de sapal e os habitats, investir em espaços de lazer, culturais e desportivos, acessíveis, deveria ser a prioridade dos executivos, em toda a escala do Arco Ribeirinho. Para isso será imprescindível que se faça um Plano de Ordenamento Municipal que aposte na preservação e revitalização das zonas ribeirinhas e sua biodiversidade, na qualidade de vida dos habitantes e não na viabilização de lucros escandalosos de grandes grupos empresariais nacionais e estrangeiros.

Apostar numa rede de transportes que sirva as populações locais que estabeleça ligações entre os municípios da margem sul e consiga colmatar a falta de transportes que continuam insuficientes e a não cumprir horários, deixando a população à mercê do transporte individual. Também a ligação fluvial se tem degradado, colocando a urgência de uma rede de transportes públicos não poluente que sirva as pessoas, não esquecendo a importância do alargamento da rede de ciclovias.

Investir na preservação do património histórico e cultural, recuperar os moinhos de maré, no Barreiro e na Moita, assim como nas embarcações tradicionais do rio Tejo que viabilizam não só a ligação das pessoas ao local onde vivem e à sua história, como também permitem a defesa de postos de trabalho e de pequenas oficinas, como é o caso do Estaleiro Naval em Sarilhos Pequenos onde, recentemente, foi construída a "Muleta", embarcação tradicional do estuário do Tejo.

Multiplicar iniciativas de ordem cultural, com incentivos à criação de círculos de debates e publicações que tenham a ver com as memórias da resistência, num território tão rico a nível de lutas anti-fascistas, passar este testemunho às novas gerações promovendo a intervenção nas escolas . Apostar no associativismo, na preservação das memórias que guardam as velhas colectividades, locais de resistência e de luta, e são várias nestes dois concelhos.

Uma política interna com democracia e de baixo para cima

Na génese do Bloco de Esquerda esteve a diversidade e pluralidade de opiniões e sensibilidades que se tem vindo a perder perante o estrangulamento imposto pelas correntes maioritárias, o objetivo de controlo do aparelho, verticalizando a organização, restringindo a participação e empurrando para as margens quem pensa de forma diferente. Os tempos que vivemos são complicados para o partido, para o país e mundo em geral e é contraproducente esta política de funcionamento, que afasta militantes, que gera desgaste, desilusão e abandono. O Bloco precisa de distritais e concelhias a funcionar, abertas ao debate e não apenas servindo de veículo de informações, com orientações vindas de cima e em que os militantes não sejam meros tarefeiros ou contribuintes. É necessário construir de baixo para cima, com todos, intensificando o debate, com atividade e autonomia face ao parlamento e que reforce quem é eleito.

O trabalho local deve ser o alicerce do partido, o centro da intervenção política que permite enraizar, crescer e gerar movimento, criar alegria militante na construção da sociedade e local onde vivemos, do partido-movimento que se vai perdendo. Fazer o levantamento das necessidades das populações e integrar movimentos de contestação e defesa das pessoas, comissões de utentes, de bairro, grupos mais ou menos formais em torno da defesa do meio ambiente, das hortas urbanas, contrariando o consumismo desregrado e privilegiando um comércio sustentável, contra a violência sobre as mulheres e crianças, assim como a intervenção nas Escolas

versando temáticas diversas que possam contribuir para a formação dos jovens com vista à construção de uma sociedade mais fraterna e inclusiva, mais justa e igualitária.

Apresentaremos à XIII Convenção do Bloco uma Plataforma porque não nos revemos em nenhuma das Moções, mas queremos continuar a militar neste partido que é o nosso, a participar nas suas iniciativas a nível nacional, nas estruturas locais e distritais, intervindo com espírito crítico e propositivo, no sentido de contribuir para os desafios que se vislumbram nestes tempos de conjuntura difícil tanto a nível interno como externo.

Subscrevem:

David Teixeira do Rosário - 12900 - Barreiro

Maria do Rosário Guerreiro Vaz - 5509 - Barreiro

Maria Jorgete Ribeiro de Sá Teixeira - 584- Barreiro